

Pressão alta, um risco também na infância.

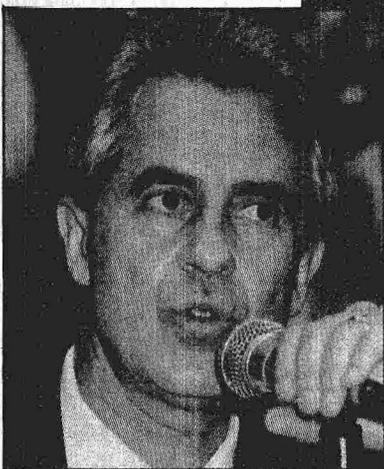
LÍGIA KOSIN

Ao contrário do que médicos e especialistas sempre pensaram, a hipertensão arterial (ou pressão alta) não é um problema de adultos com mais de 40 anos, mas também de crianças e adolescentes. Uma pesquisa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), iniciada em 1983, acompanhou oito mil crianças e adolescentes de 6 a 15 anos e descobriu que 8,2% deles apresentavam pressão alta, em alguns casos em níveis preocupantes.

A pressão das crianças também deve ser medida

“Os resultados mostram que a medição da pressão arterial de crianças e adolescentes também deve ser feita periodicamente”, alerta o professor adjunto do departamento de Cardiologia da Faculdade de Medicina da UERJ e um dos responsáveis pela pesquisa, Ayrton Pires Brandão, que hoje apresenta os dados durante o 47º Congresso Brasileiro de Cardiologia, no Anhembi. “Normalmente, a pressão das crianças quase nunca é medida”, diz. Ele lembra que a pressão alta é um dos grandes fatores de risco de doenças cardiovasculares — a principal causa de morte no Brasil, responsável por 45% dos óbitos no País — e na maioria dos casos é desconhecida pelos pacientes.

O estudo, realizado a partir de escolas dos bairros cariocas da Tijuca, Vila Isabel, Andaraí e Alto da Boa Vista, abrangeu crian-



Maranhão (ao alto) e Luz: descuidados.



Fotos de Lúndi/AE

ças de todas as classes sociais, com um resultado categórico: “As classes mais altas comem muito e mal”, diz Brandão. Segundo ele, mais de dois terços das crianças com pressão alta são das

classes média alta e alta. “E a maioria apresenta peso acima do normal”, afirma.

Ironicamente, a desnutrição das crianças das classes menos favorecidas, que em alguns casos

chegam a apresentar sete quilos a menos do que o normal, acaba sendo benéfica no que diz respeito à alteração da pressão.

Os pesquisadores da UERJ chegaram a detectar pressão alta

em crianças com seis anos de idade. “Sem tratamento, elas chegariam aos 30 anos com graves problemas cardíacos”, diz Brandão. Atualmente, todas as crianças com pressão alta são acompa-

nhadas pelos médicos da universidade.

Elas estão sob dieta especial, com restrições ao sal e massas, e participam de um programa de atividades físicas. Algumas, porém, já necessitam dos medicamentos para o controle da hipertensão, normalmente utilizados pelos adultos.

Além de detectar os casos com pressão acima do normal, os pesquisadores fizeram estudos sobre peso, altura e pressão com os familiares destas crianças. “A prevalência da hipertensão arterial no grupo é de pelo menos 80%, enquanto apenas 20% dos familiares das crianças com pressão normal apresentam problemas”.

Genética e ambiente, dois determinantes

Os dados, segundo Brandão, indicam claramente a existência de um componente genético para a hipertensão, além da influência de fatores ambientais. Atualmente, os médicos estão fazendo o acompanhamento clínico das crianças, para detectar até que ponto o surgimento precoce da hipertensão arterial provoca problemas cardíacos.

Mas a grande questão, segundo Brandão, é saber até que ponto o crescimento do stress na população urbana — e hoje em dia nos próprios estudantes, preocupados, por exemplo, com os assaltos — pode aumentar a incidência de hipertensão arterial e de problemas cardíacos mais precoces.